

ROMANTIZAÇÃO DO TRABALHO VOLUNTÁRIO: UM ESTUDO SOBRE A RIO/2016

Nathalia Dória Oliveira^{1*}, Sergio Dorenski²

1. Mestranda em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
2. Professor da Universidade Federal de Sergipe - Departamento de Educação Física/Orientador

Resumo

Este estudo cujo objetivo geral foi analisar o papel dos voluntários no Megaevento esportivo: Olimpíadas Rio/2016 consiste em uma “trama” entre o campo esportivo e o olhar dos sujeitos que vivenciaram os bastidores deste Megaevento. Pudemos entender os motivos que levaram estes sujeitos a se voluntariar, bem como, as dificuldades e os benefícios de ser voluntário. De abordagem qualitativa e caracterizado como um estudo descritivo, utilizamos as fontes orais através do processo de entrevista semiestruturadas em que os resultados apontaram certo paradoxo na relação voluntários e Olimpíadas uma vez que os sujeitos da pesquisa não tinham clareza do que era ser voluntário neste evento, principalmente entender as dimensões políticas e econômicas existentes internamente. Assim, o primeiro aspecto foi eles perceberem que a instituição esportiva é detentora de muito capital, mas, contraditoriamente, poucos são os que recebem parte deste e o trato diferenciado para atletas, voluntários e demais.

Palavras-chave: Olimpíadas; Megaeventos; Esporte.

Introdução

O trabalho voluntário pode ser definido como qualquer atividade em que a pessoa dedica tempo e esforço em benefício de outra pessoa, grupo ou organização, sem qualquer recompensa de natureza financeira ou material, sendo esta uma decisão consciente e deliberada por parte do indivíduo (OLIVEIRA e COSTA, 2016, p. 93). No Brasil, a Lei nº 9.608/98 define o trabalho voluntário como uma atividade não remunerada, prestada por pessoas físicas a uma entidade pública ou instituição privada sem fins lucrativos, com objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social.

Muitas vezes, ser voluntário significa um exercício de cumplicidade com pessoas, comunidades que estão em situações carentes, havendo muitas ações para atender as condições básicas para vida. Situação oposta da realização das Olimpíadas em que muitas empresas patrocinam¹ o evento que é transmitido mundialmente em tempo real, fator este, também, que amplia o capital apropriado neste evento².

O discurso que paira é que sem a força de trabalho voluntária nesses Megaeventos esportivos não seria possível sua realização. Acreditamos que desvendar essas questões representa uma condição urgente não só para a sociedade, mas, na mesma medida, para o próprio voluntário que finda sendo “escravo dócil” para satisfazer os interesses do capital.

Portanto, estabelecemos como objetivo geral analisar o papel dos voluntários no Megaevento esportivo: Olimpíadas Rio/2016. Com isso, os objetivos específicos consistiram em apresentar os bastidores pelo olhar dos voluntários; investigar os motivos que levaram os indivíduos a se voluntariar e analisar as dificuldades e os benefícios dos voluntários na Rio/2016.

Metodologia

De abordagem Qualitativa, tratou-se de uma pesquisa Descritiva em que foi utilizada, principalmente, a entrevista semiestruturada para captura dos dados. O estudo contou com a participação de três voluntários do Estado de Sergipe que fizeram parte da Rio/2016, sendo uma professora Universitária (Voluntário I); um aluno do curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (Voluntário II) e uma professora da Rede Pública de Ensino (Voluntário III). Estes sujeitos estabelecem um laço em comum no tocante ao campo da educação, pois são sujeitos formadores que lidam diariamente com o fetiche provocado pelo esporte espetáculo, no caso específico, as Olimpíadas.

Utilizamos para captura dos dados as fontes orais. Assim, os sujeitos, que vivenciaram imersos o Evento Esportivo, perceberam acontecimentos, fatos, particularidades, de modo vivo e pulsante com suas idiosincrasias que não apenas nos levou a conhecer, mas também a forma como eles viram esses fatos nos provocou a estabelecer uma reflexão a toda construção para realização das Olimpíadas. Este é um aspecto importante que envolve a subjetividade, mas, enquanto pesquisa, confrontamos com outros dados, pois, de acordo com Garrido (1993), trabalhar com fontes orais não se reduz apenas em um lado da verdade para

¹ Os patrocinadores mundiais são: Coca Cola, Atos, Bridgestone, Dow, GE, McDonalds, Omega, Panasonic, P&G, Samsung, Visa; E do Rio/2016 foram: Bradesco, Bradesco Seguros, Correios, NET, Embratel, Claro, Nissan. Disponível: <<https://www.olympic.org/rio-2016>>. Acesso: 03/02/2020.

² As marcas patrocinadoras pagam estimados 100 milhões de dólares para ter sua marca associada aos Jogos. A Dow, por exemplo, expectativa de gerar US\$ 1 bilhão, em cinco Olimpíadas. Disponível: <<https://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20160729/negocios-ouro-olimpiada/398251>>. Acesso em: 07/01/2020.

garantir a veracidade/cientificidade e legitimidade desses registros na análise da pesquisa. Portanto, o que se pretendeu foi ampliar as fontes para uma produção mais fidedigna dos acontecimentos, dos bastidores nas Olimpíadas Rio/2016.

Assim, os procedimentos que utilizamos na coleta e organização dos dados em nosso trabalho foram os seguintes: a) O agendamento prévio das entrevistas; b) Assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; c) Realização de entrevistas; d) Transcrição das entrevistas; e) Ordenamento e categorização em que foi desenvolvido o processo de leitura integral das entrevistas e um ordenamento das informações coletadas por meio de categorias de Análise; f) Análise e construção das narrativas.

Analisamos os dados a partir de algumas categorias *a priori* que o estudo de Clary *et al* apud Oliveira e Costa (2016) levaria as pessoas a se voluntariarem: 1) Valores – humanitários e altruístas; 2) Entendimento – aplicação de conhecimentos, habilidades existentes e o desejo de aprender; 3) Social – relacionar-se com outras pessoas; 4) Carreira/currículo - aquisição de novas experiências profissionais; 5) Proteção – reduzir emoções negativas e dificuldades pessoais; 6) Aprimoramento - associado à autoestima e o desejo de se sentir útil; 7) Amor pelo esporte – no caso de Megaeventos esta é uma categoria fundante.

A partir dessas categorias entrelaçamos com outras oriundas do próprio campo de pesquisa e que foi classificada para análise: 8) Os voluntários - o perfil dos sujeitos da pesquisa e aspectos motivacionais; 09) Preparando a “massa” de voluntários – referente à preparação/treinamento; 10) O que ficou? - Um panorama acerca das Olimpíadas para os sujeitos.

Resultados e Discussão

Iniciamos os resultados elaborando uma síntese da narrativa a partir das categorias *a priori* e de campo. Aqui constitui-se um pequeno recorte, mas, que ilustra a relação entre os objetivos traçados, a base epistemológica e metodológica.

Em relação a preparação os voluntários destacaram os cursos *online* e os eventos-teste antes das Olimpíadas, porém devido ao alto custo de deslocamento e hospedagem apenas o Voluntário I participou. Neste sentido, destacamos algumas contradições a partir do olhar do sujeito que esteve imerso ao Evento.

[...] o evento que aconteceu em abril que era uma previa do que iria acontecer nas Olimpíadas e ao mesmo tempo foi preenchimento das últimas vagas da ginástica rítmica. As mesmas condições assumindo as passagens, hospedagem, alimentação, só tínhamos direito a uma refeição tudo igualzinho certo? [...]. Tudo que eu achei que a gente estava sendo treinada pra acontecer nas Olimpíadas, quando cheguei [...] me colocaram numa função completamente diferente da que eu fui treinada (Voluntário I. Entrevista em 31/07/2017).

Corroboramos com a indignação do Voluntário I, tendo em vista que os candidatos optaram pelo local e também indicaram suas preferências de onde trabalhar, assim como preconizou as normas do evento e foi relatado por Flávia Fontes, gerente do Programa de Voluntários Rio 2016 em entrevista para o site Mundo Voluntário³, não foi respeitado este aspecto para algumas pessoas.

[...] o trabalho foi dividido em nove áreas: atendimento ao público, comunicação e imprensa, protocolos e idiomas, transporte, produção de cerimônias, apoio operacional, tecnologia, serviços de saúde e áreas médicas; e esportes. Na área de esportes, os voluntários são especialistas, como ex-atletas, técnicos, juizes esportivos, para ajudar diretamente nas competições. É necessário muito conhecimento nas diversas modalidades esportivas (BOTTARI, 2014, s/p).

Assim, com estes sujeitos da pesquisa percebemos as diferenças no tratamento dado pelo Comitê Olímpico com os Voluntários, tanto nas relações pessoais quanto nas questões de alimentação e transporte. Pois, o Voluntário II ressalta que foi muito bem tratado e tinha acesso ao espaço do evento, recebeu ingressos de outros jogos para assistir, teve vários brindes durante o evento, mochilas, relógio, uniforme único com a marca exclusiva das Olimpíadas de 2016, bem como, teve o benefício de não pagar transporte, hospedagem e alimentação por conta de ter sido direcionado para ser árbitro, tendo maior privilégio (Entrevista em 22/12/2017).

Encontramos nos relatos dos Voluntários I e III a falta de organização por parte do Comitê e no descaso das relações pessoais. O transporte para eles funcionava, porém, como tinham que chegar cedo ao evento, precisavam sair ainda de madrugada e isso ocasionou um cansaço grande, além de receber apenas uma refeição por dia. Vimos que os benefícios foram insignificantes como kits entregues para os voluntários que continha alguns broches, uns pins, o uniforme, bem como alguns ingressos para assistir alguns jogos. Contudo, destacaram a impossibilidade de irem assistir a esses jogos devido ao horário incompatível ou em dias que não se encontravam mais na cidade, bem como os jogos eram àqueles que não iam muito público não tendo interesse pessoal dos voluntários de se deslocarem para assistir.

Estes aspectos coadunam com o estudo de Oliveira e Costa (2016) referindo-se a Farrell *et al.* (1998) em que a comunicação, o reconhecimento, as instalações físicas, alimentação e o traslado podem ser

³Disponível em: <<https://www.mundovoluntario.com.br/2014/12/conheca-melhor-o-programa-de.html>>. Acesso em: 19/11/2019.

determinantes importantes da satisfação dos voluntários, ou seja, condições humanas básicas para um trabalho efetivo.

Assim, a motivação para ser voluntário, especificamente para as Olimpíadas Rio/2016, possui diversos aspectos tanto no plano interpessoal pela trajetória dos sujeitos como também profissional, na relação intrínseca com o esporte. Além disso, o ambiente criado pelas mídias na importância de ajudar e fazer acontecer uma Olimpíada no Brasil, também contribuiu em instigar os possíveis candidatos. Oliveira e Costa (2016) citam que no estudo de Giannoulakis *et al.* (2008) com voluntários dos Jogos Olímpicos de Atenas encontraram três fatores motivacionais, listados em ordem de importância: (1) relação com as Olimpíadas, traduzida como o desejo de estar associado ao movimento olímpico; (2) razões de interesse pessoal, como ganhar experiência ou fazer contatos profissionais; (3) desejo e orgulho de contribuir, aliado ao senso de propósito, ou seja, pelo desejo de ajudar e contribuir para o sucesso do evento.

Não restam dúvidas que ser voluntário em um evento como este perpassam vários aspectos que motivam os sujeitos: a carreira profissional, a aproximação com as grandes estrelas do esporte, o aprendizado no processo organizacional entre outros. Sendo a aproximação com o esporte na vida pessoal e/ou profissional um fator importante para muitos voluntários, tendo em vista ter como consequência aprendizado e oportunidade mais ampla na atuação ocupacional. Como exposto abaixo na fala dos sujeitos:

O que mais me motivou foi quando estive no Sul Americano e o diretor da arbitragem me incentivou a participar das Olimpíadas, pediu para eu me inscrever como voluntário e de lá ele me encaixaria na arbitragem das Olimpíadas (Voluntário II. Entrevista em 22/12/2017).

Eu fui ser voluntária pelo sonho de conhecer uma Olimpíadas e quando eu soube que iria ser no Brasil fiquei bastante empolgada em ajudar e poder conhecer de pertinho esse evento que infelizmente não foi isso que aconteceu (Voluntário III. Entrevista em 10/06/2019).

O fetiche⁴ provocado pelo esporte-espetáculo, ou melhor, telespetáculo (BETTI, 1998) também marca esses sujeitos expresso no sonho de participar, conhecer e contribuir nas Olimpíadas, considerando-o mais importante no calendário esportivo, só seria possível para eles, acompanhar pela televisão e que, portanto, fica evidente o Poder Simbólico (BOURDIEU, 2002) que o esporte, a partir dos feitos dos atletas olímpicos, provocou nesses sujeitos.

Ainda, pensando no aspecto do poder da mídia foi determinante os apelos midiáticos nas campanhas para angariar voluntários: “Seja Herói dos seus Heróis. Seja um Voluntário”, “O herói é marcado pelo valor de seu trabalho. Voluntário, seja herói do seu herói”⁵. Estes apelos associados a outros mais que foram veiculados em canais de TV e internet e ainda, com vídeos de atletas olímpicos e paralímpicos exaltando a importância do trabalho voluntário em uma Olimpíada, foram determinantes para atrair um determinado público, pois, havia uma necessidade de 70 mil voluntários.

Sendo assim, essa atmosfera criada para motivar as pessoas a se voluntariarem, seja por valores humanitários e altruístas, pelo currículo ou profissional, relacionar-se com outras pessoas e/ou pelo amor ao esporte e viver o maior evento esportivo (CLARY *et al.* apud OLIVEIRA e COSTA, 2016) fez com que o espetáculo acontecesse sem uma lente de contato para as contradições e paradoxos das relações pessoais, econômicas e políticas dos voluntários.

A realização de um Megaevento esportivo como este no Brasil leva-nos a pensar nossas próprias contradições, assim como foi também na realização da Copa do Mundo de Futebol/2014, pois, enquanto boa parte da população vive sempre na luta por subsistir e consegue pouco tempo e dinheiro para se divertir, aliado a isto as condições de transporte, moradia, emprego, saúde entre outros que são sempre renegadas ou oferecidas na perspectiva de uma mediocridade, de um ataque ético e moral à sociedade, contraditoriamente outra parte pode usufruir sem preocupação do que vai comer no outro dia. Como também, nas escolas públicas em que o professor está sempre improvisando com materiais, não há condições mínimas para uma educação de qualidade, presenciamos a “luxúria” materializada no esporte-espetáculo no “padrão COI”. Isto aparece também no trato com os Voluntários, pois estes, parafraseando Adorno (2000) parece-nos “escravos dóceis” em que aceita, a partir do Poder Simbólico (BOURDIEU, 2002), os ditames da instituição esportiva.

Os sujeitos da pesquisa, os Voluntários I e III mais especificamente, expõem sobre o desperdício e abundância de comida e bebida para os atletas, diferentemente do que era oferecido para os voluntários e isto, sem poder fazer nada para reverter a situação. Além disso, a exorbitância dos preços cobrados dentro do evento pelas empresas alimentícias e lojas instaladas no interior das arenas olímpicas. Destacam ainda, as exigências feitas pela organização Internacional em relação a infraestrutura o que implicou na beleza, na grandeza e no encantamento para quem vai assistir ao espetáculo, sem contar a segurança garantida pelas forças policiais ou militares o que é bem diferente de nossa realidade, de nosso dia a dia em que mal podemos ficar na porta de casa sobre a ameaça constante de ser assaltado.

Por fim, corroboramos com o pensamento de um dos Voluntários, conforme citação abaixo, principalmente, por compreendermos que a instituição esportiva é detentora de um capital e que, a cada evento, como este, se multiplica com muitos outros patrocinadores e que, portanto, é pura ganância não tratar as pessoas, que foram basilares para o evento, com mais dignidade.

⁴Aqui discutimos seu enfeitamento, mas, sem desconsiderar o fetiche da mercadoria esporte-espetáculo.

⁵Disponível em: <www.Rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=4927148>. Acesso em: 25/10/2019.

Então assim, acho que os voluntários deveriam ser bem tratados, eu ficava olhando o investimento e os patrocinadores, então é muito dinheiro, daria para eles darem uma ajuda de custos, como hospedagem, mais alimentação, ingressos para assistir os jogos, enfim, tratar as pessoas com mais humanidade. (Voluntário III. Entrevista em 10/06/2019).

Acreditamos que o fator econômico prevalece para a realização desses Megaeventos, tanto para o Estado como para entidade do COI e marcas patrocinadoras. Assim se apropriam e seduz as pessoas para as belezas, a união, superações entre outros feitos e sentimentos/emoções que o esporte espetáculo transmite e se utilizam dessa “arma” para que tudo vire mercadoria.

Conclusões

Percebemos que os sujeitos da pesquisa não tinham clareza do que era ser voluntário numa Olimpíada, nem as dimensões políticas e econômicas existentes internamente, pois, apesar de saberem que a instituição esportiva é detentora de muito capital, foi conhecendo os bastidores que eles tiveram uma noção do todo, principalmente, no trato diferenciado para os atletas. O que fica de importante, neste contexto, é a autoreflexão crítica dos sujeitos e pesquisadores envolvidos, que atuam/atuarão no campo escolar e universitário, ampliando sua visão de mundo para um evento desta natureza o que ratifica o processo formativo.

Expusemos aqui o olhar dos Voluntários para as Olimpíadas, mas, sobretudo, a motivação inicial que germinava nesses sujeitos e neste aspecto, apontamos pontos que muitas vezes são imperceptíveis no cotidiano, principalmente, para a sociedade como um todo que ainda romantiza o evento e não conhece as idiosincrasias que sustentam o espetáculo “por de trás da cortina”.

O estudo de Oliveira e Costa (2016) que tem como título “Motivação, satisfação e comprometimento: um estudo sobre o trabalho voluntário em Megaeventos esportivos” foi importante tendo em vista que as categorias *a priori* foram basilares para construção desta narrativa. Assim, pudemos analisar a partir do discurso e reflexão dos voluntários as categorias que envolvem os valores altruístas, o entendimento de aplicar seus conhecimentos e habilidades, o social em que possuíam a desejo de se relacionar com outras pessoas, a aquisição de novas experiências para sua carreira/currículo, a proteção de se destacar no meio, além do aprimoramento da autoestima de se sentir útil e o amor pelo esporte.

Os Megaeventos esportivos necessitam dos voluntários para a sua realização, assim fazem campanhas anterior ao evento, envolvendo-os emocionalmente e afetivamente no sentindo de ajudarem e fazerem parte de algo maior que eles. Porém, como aponta o estudo muitos deles são “peças” descartáveis do sistema que apenas se utiliza de sua força de trabalho: uma exploração gratuita, com anuência e sob o fetiche do espetáculo esportivo.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. W. **O fetichismo na música e a regressão da audição**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BETTI, M. **A Janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.

BOTTARI, E. Começam nesta quinta-feira as inscrições para o Programa de Voluntários da Rio 2016. Rio de Janeiro, 2014. **Portal o Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/Rio/comecam-nesta-quinta-feira-as-inscricoes-para-programa-de-voluntarios-da-Rio-2016-13747765>>. Acesso em: 15 dezembro de 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Lei nº 9.608 de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providência Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9608compilado.htm>. Acesso em: 18 de novembro de 2019.

GARRIDO, J. dei A. As fontes Oraís na Pesquisa Histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, Vol. 13, n. 25/26, Ago. 1993.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do Conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

OLIVEIRA, L. B. de; COSTA, F. P. C. Motivação, satisfação e comprometimento: um estudo sobre o trabalho voluntário em Megaeventos esportivos. **E&G Economia e Gestão**, Belo Horizonte, v. 16, n. 42, Jan./Mar. 2016.

SOUZA, C. M. de. A incorporação de relatos oraís como fontes na pesquisa histórica. Roraima: UFRR. **Revista Textos & Debates**. Nº 4, dezembro, 1997.